

Tematizando lutas nas aulas de Educação Física¹

A escola convive com alguns dilemas próprios da vida cotidiana. Não há como negar que, simultaneamente, a escolarização procura disciplinar os corpos apesar de promover um discurso da livre expressão. É nesse ínterim que são impostas regras e formas de ensino que contribuem para a exclusão das crianças oriundas de determinados grupos sociais.

Na atualidade, a partir de ideias democráticas, as pessoas repensam seus modos de vida. Professores e alunos demonstram no dia-a-dia como a luta pela significação de um signo cultural, como a alfabetização, produz resistências, confrontos verbais, jogos de poder e, assim, questionamentos, que rondam o meio educacional, são traduzidos por alguns dilemas. Como lidar com estas questões?

Novos sujeitos surgiram com o advento da pós-modernidade. Os significados multiplicaram-se. Não existe mais uma base comum de sustentação. As pessoas se aproximaram (mesmo que virtualmente) com o crescimento da cultura da mídia, os programas de televisão ditam certas práticas familiares, as redes sociais estreitam o mundo real e o da ficção.

Assim, entre manobras políticas, o surgimento de novas teorias educacionais, das revoluções feministas, de políticas étnicas, das formas de se pensar o econômico, das leis federais e constituições mudadas sobre pressões populares, a escola se transformou em um “outro espaço” e passou a ter que conviver com práticas de grupos sociais que ascenderam a partir da chamada democratização.

Nós, professores e professoras, assistimos, mesmo não vendo, às culturas infantis e juvenis e suas comunidades não somente na

1 Trabalho desenvolvido pela Profa. Natália Gonçalves na EMEF Roberto Plínio Colacioppo e comentado pelo Prof. Fernando César Vaghetti.

escola, mas também nas ruas, nas casas, na TV, na mídia impressa e digital e fazemos circular alguns discursos com representações de o que é ser criança e adolescente. Seja pela força de discursos essencialistas que fixam as identidades ou pelos discursos midiáticos que nos mostram como agir, como por exemplo, no caso das crianças ditas hiperativas.

As crianças e os adolescentes são chamados a expor de diversas formas o que fazem, onde moram, seus hábitos, suas angústias, seus prazeres e gostos. Assim, abriram-se espaços para que diversas práticas culturais advindas de diferentes locais se manifestassem, mesmo que por curtos momentos e em locais não visíveis a todos, trazendo, tanto aos professores, quanto à comunidade e à gestão escolar, certo estranhamento. Alguns grupos sociais cresceram e a escola por conta de legislações, teorias e pressões populares abriu espaço para identidades que até então eram negadas. Os professores, na pós-modernidade, estão sentindo na pele como a diversidade cultural está presente no ambiente escolar.

É bom que se diga que a vida cotidiana como a vida escolar vem se transformando. A égide moderna está em decadência. As formas de se viver, de se pensar e do que fazer estão cada vez mais cambiáveis. A escola se vê frente a desafios que ultrapassam as avaliações externas, os pedagogismos e as disciplinas estruturadas. As políticas educacionais abrem claramente espaços para que se pense também em como as crianças aprendem, o que aprendem e como os professores ensinam. As teorias são diversas. Na escola, vivenciamos constantemente discussões sobre o que a criança e o adolescente têm que fazer e pensar, entretanto, as resistências estão mais em evidência. A vida cotidiana está deslocando padrões e

essências. Percebe-se uma gama de significados vindos de diferentes setores que regulam as formas e os modos de viver desde o intuito de afirmar o que está certo ou errado, até excluir e incluir politicamente aquilo que diferencia.

A escola anda lado a lado com a sociedade e se encontra no fogo cruzado quanto ao seu currículo. No emaranhado de informações, conhecimentos científicos e de senso comum, a escola está diariamente ligada com o que pode ou não fazer em seu espaço. Quais discursos são validados e que conhecimentos devem ser disponibilizados?

Porém, há discursos conservadores que ainda negam a relação entre a escola e a sociedade. Para estes a escola e a vida não se cruzam. Basta ver as inúmeras regras que afastam do ambiente escolar certas práticas como brigar, dançar, ouvir música, usar celular, bonés, toucas, brinquedos, pipas. Na escola, estes artefatos são comumente disponibilizados em datas específicas, como o dia do brinquedo, por exemplo. Percebe-se, assim, que no cotidiano escolar há o confronto que implica em diferentes dilemas, discursos, pedagogias, currículos e histórias.

A Educação Física representada no trabalho da Professora Natália busca reconhecer o espaço onde os alunos moram, o que realizam e como lidam com as questões de luta, sexo e gênero privilegiando conhecimentos culturais que rompem com os discursos hegemônicos, entendendo a produção cultural como prática democrática e de política de identidade.

Desenvolvimento

Este relato narra a trajetória de um trabalho que durou quatro meses e foi realizado na EMEF Roberto Plínio Colacioppo, uma escola localizada não Jardim Celeste, Zona Sul de São Paulo, nas proximidades do Jardim Zoológico e do Zoo Safári.

A escola atende alunos que moram em uma área praticamente rural cercada pela mata atlântica e por isso têm oportunidade de brincar em terrenos e nas ruas, como também, alunos que residem em apartamentos, que brincam em espaços diferenciados. Porém observam-se, próximo à escola, locais onde tanto os alunos moradores dos prédios, quanto os moradores da região “rural” reúnem-se para realizar algumas práticas corporais. Esses locais são organizados por ONGs (que oferecem cursos gratuitos), pela Prefeitura e pela Igreja.

Quanto ao trabalho realizado, contextualizo que, ao retornar do recesso de julho de 2009, o desafio foi selecionar a manifestação corporal a ser tematizada com os alunos de três turmas do 4º ano do Ensino Fundamental I durante as aulas de Educação Física. Cabe lembrar que, no semestre anterior, as brincadeiras haviam sido tematizadas através de um projeto que integrou alunos dos ciclos I e II.

Iniciei o processo de mapeamento das práticas corporais, fixando uma folha de papel pardo na lousa e questionando os alunos a respeito de todos os locais que eles conheciam nos arredores da escola nos quais se praticava algum esporte, dança ou luta. Surgiram muitos locais como o próprio quintal de suas casas; academias de natação, de lutas e ginástica; Jardim

Botânico onde se pratica caminhada e corrida; Zoológico de São Paulo; Parque do Ibirapuera (não tão próximo, mas com a possibilidade de transporte público gratuito) onde andam de bicicleta, skate, patins, patinete, caminham e jogam futebol; Centro Cultural com aulas gratuitas de judô, capoeira, balé e boxe; a própria escola com balada (ritmos como Psy, Funk, Axé e Pagode) e festa junina. Finalmente encerraram os comentários apontando duas quadras, dois parquinhos e uma pista de skate que não são muito utilizados nos arredores da escola.

Com a posse destes dados coletados e de uma lista das atividades que eles praticavam ou gostariam de praticar fora da escola, defini que a temática sobre lutas seria estudada no semestre letivo, por entender que tal manifestação da cultura corporal faz parte do cotidiano daquelas crianças, além do que, pude constatar que este tema não tinha ainda sido contemplado pelo currículo de Educação Física.

Uma das turmas “pegou fogo” quando informei minha decisão. Todos queriam falar e citar os seus conhecimentos sobre o assunto, filmes de Bruce Lee, desenhos animados, academias e ONGs do bairro. Aproveitei o entusiasmo do momento e, com o objetivo de mapear os conceitos dos alunos a respeito da manifestação, propus que, de forma coletiva, completassem a frase: “Luta é...” Para organizar esta ação, fixei outra folha de papel pardo na lousa e convidei os alunos a participarem da atividade.

Os alunos foram completando a frase e construindo uma enorme lista com os mais variados predicados: “fazer pagar pelo que fez, defesa pessoal, descontar raiva, provocação, violência, agressividade, muito louco, perigosa, legal, divertida, dolorida,

desestressante, selvagem, batalha, morte, sangue, briga, UTI, estranha, raiva, Bruce Lee, inimigos, masculina, esporte”.

Para identificar e discutir ações preconceituosas referentes a questões de gênero, idade e biotipo presentes nas lutas, levantei alguns questionamentos com as turmas a respeito da atividade anterior, uma vez que, quando foi registrada no papel pardo a expressão “luta é masculina”, houve muita indignação, pois as meninas também sentem-se capazes, produtoras e praticantes de lutas e não possuem este “olhar” exclusivamente masculino para esta manifestação corporal. Posicionaram-se, dizendo que nos desenhos animados existem meninas que lutam, como Meninas Superpoderosas e Três Espiãs Demais. Os meninos, a princípio, fizeram algumas colocações em tom de deboche, mas, aos poucos, foram cedendo e concordaram que os desenhos apresentam meninas lutando. Um dos garotos informou, por sua vez, que na academia onde treina existem muitas mulheres praticantes, embora só lutem entre si.

Avaliei a necessidade de explicar sobre as categorias utilizadas em algumas modalidades de lutas e solicitei que realizassem uma pesquisa na sala de informática sobre o assunto. A partir desta atividade, os alunos compreenderam que o fato das mulheres lutarem apenas entre si diz respeito mais a uma atitude preconceituosa por parte dos organizadores.

Na intenção de possibilitar aos alunos a reflexão e aprofundamento de seus conhecimentos, além de levá-los a identificar e manter uma postura crítica em relação às várias formas de divulgação das lutas na mídia, propus, inicialmente, que citassem exemplos de lutas. As repostas foram Boxe, Kung Fu, Capoeira,

Vale tudo, Judô, Sumô, Jiu Jitsu, Karatê, Luta livre, Cabo de Guerra, Queda de Braço ou Braço de Ferro, Briga de Galo, Briga de Rua, Briga de Dedos, Pokémon e Digimon. Na sequência, iniciamos os momentos de vivências do Cabo de Guerra, da Queda de Braço, da Luta de Dedos e do Sumô. Durante a realização das atividades, questioneei a respeito das regras, o que contribuiu para construirmos nossas próprias práticas adaptadas àquele local e àquele público.

Para a atividade do Cabo de Guerra, os alunos dividiram-se em dois grupos, entretanto, ao iniciarem a atividade perceberam que um lado estava mais forte que o outro. Assim, decidiram dividir as equipes em participantes que tivessem aproximadamente o mesmo peso. Criaram algumas regras como: não iniciar antes do sinal, não dar “trancos” e não avançar além de uma marca na corda. Neste momento, descobriram que se não houvessem regras, essa luta poderia não dar certo, pois sempre a mesma equipe iria ganhar ou até ocorreriam acidentes.

A atividade que se seguiu foi a Queda de Braço. Novamente discutimos coletivamente as regras. Definimos que os oponentes não poderiam apoiar na mesa o braço oposto ao utilizado no combate, além de equipararem os alunos com um nível aproximado de força.

Retomei a investigação a respeito das categorias utilizadas nas lutas esportivas. Expliquei que, em algumas modalidades, o peso do atleta define em qual categoria ele poderá competir. Um aluno, colaborando com a discussão, lembrou da dieta alimentar rigorosa que alguns lutadores realizam antes da competição, muitas vezes, para não enfrentar um atleta de uma categoria superior.

A Luta de Dedos, apresentada pelos alunos, consiste em

dois oponentes que entrelaçam os dedos e tentam dominar o polegar do outro, imobilizando-o. Ao realizar uma pesquisa na sala de informática sobre essa modalidade, descobrimos que há materiais comercializados para a prática desta manifestação como: “máscaras” para os dedos, ringues e até espaços onde se pratica essa luta. Embora reconhecessem a variedade de materiais comercializados, os alunos afirmaram que não há necessidade desses apetrechos para que essa luta seja divertida ou mais eficiente.

A partir da prática do Sumô, onde dois alunos se confrontam utilizando as mãos nos ombros do oponente para retirá-lo de um círculo previamente demarcado no chão, foram propostas variações para os exercícios de desequilíbrio, tais como o confronto em quatro apoios, no qual um colega tenta desestabilizar o outro retirando um dos apoios do chão; desestabilização do oponente em pé retirando uma das pernas do chão; briga do saci em apenas um apoio de pernas. Em decorrência dessas atividades, os estudantes, começaram a criar e testar novos movimentos e situações com o mesmo propósito.

Nas rodas de conversas que entremeavam as situações didáticas, o diálogo e a reflexão era fomentado. Houve questionamentos a respeito da diferença de peso e altura entre os oponentes e da questão do gênero dos participantes. Os alunos(as) pontuaram que não se sentiram bem lutando com o sexo oposto. Os meninos diziam que tinham medo de machucar as meninas e as meninas, por sua vez, que não queriam ser tocadas pelos meninos alegando que estes eram brutos ou maliciosos. Foi importante a participação de um aluno, praticante de Judô, pois explicou como fun-

ciona a divisão de categorias e que esta é feita por peso e gênero. Afirmou que existe uma tabela disponível em alguns sítios específicos da internet. Um outro aluno complementou dizendo que já havia visto na televisão que no Boxe os atletas também eram divididos pelo peso e pelo gênero. Na sistematização dessa atividade, pude avaliar que os alunos inferem que regras são criadas para que as lutas sejam mais “justas”.

Na continuidade, com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos em relação aos golpes, preparei algumas fichas com figuras de pessoas lutando as várias modalidades de luta como Judô, Sumô, Karatê, Kung Fu e Capoeira para que eles, divididos em duplas, realizassem a imitação do gesto impresso na ficha. A imitação do golpe deveria se dar em posição estática. Algumas figuras continham movimentos individuais, outras em dupla e até mesmo uma sequência de movimentos. Durante essa atividade os alunos foram fotografados. Elaborei, posteriormente, um painel expondo fotos e as fichas para análise dos movimentos.

Dando seguimento ao plano de ensino, buscamos “dar vida” ao movimento a partir da posição estática, realizando o golpe como eles imaginavam que poderia ser. Observei os alunos criando movimentos a partir das figuras. Orientei para que criassem em duplas, movimentos de ataque e defesa. A finalização da aula se deu com a socialização dos movimentos construídos pelos alunos.

Nas apresentações das construções corporais dos alunos, ficou evidente a criatividade, eles reproduziam movimentos diferentes daqueles golpes que estavam ilustrados nas fichas ou até mesmo diferentes dos movimentos específicos das lutas esportivas, utilizaram inclusive, armas “imaginárias” com efeitos sonoros.

Ficou explícita também a relação que fizeram com a atividade solicitada sobre lutas e os elementos de desenhos animados, filmes e games. Considerando estes dados, propus que escolhessem um desenho, filme ou game para imitar uma luta. Na nova apresentação dos alunos, identifiquei que o desenho que exerce uma forte influência nessas crianças é “Três Espiãs Demais”. Questionei se esse desenho era assistido por todos e eles responderam com muita empolgação que sim, tanto pelos meninos quanto pelas meninas. Solicitei que me explicassem com detalhes como era esse desenho. Informaram-me que há três garotas (estudantes e também agentes secretas) que lutam para salvar o mundo, e principalmente os shoppings. São “controladas” por um homem. Suas armas são relacionadas aos itens de embelezamento pessoal: secadores de cabelo, batons, mochilas a jato (usadas como transporte) e sprays de cabelo.

Relacionando esporte e desenhos, instiguei os alunos a respeito dos objetivos das pessoas que lutam nos desenhos animados e as respostas foram: “salvar o mundo, salvar o shopping, salvar uma pessoa”, ao passo de que nas lutas como esporte os objetivos são: “ganhar medalhas, participar de campeonatos”, ganhar dinheiro, se defender”. Percebi que alguns tinham dificuldade para separar a “realidade” do mundo dos desenhos, pois, as respostas foram: “não têm vilões na vida real”, “nos desenhos não tem um lugar próprio para lutar”, “no Dragon Bol Z os personagens lutam até morrer e quando morrem continuam lutando com uma auréola na cabeça”, “algumas armas e apetrechos não existem na vida real”.

Neste percurso dialógico em torno da manifestação cultural

estudada, deparei-me com a possibilidade de ampliar a discussão temática. Para abordar a questão do consumo excessivo fiz uma relação entre o desenho e a vida real, a partir da fala de uma das alunas – “esse tipo de consumo é prejudicial” e o desenho incentiva muito as garotas a “terem o que não podem”, pois na história elas possuem um cartão de crédito que “aparentemente não tem limite de compra”. Questionei a respeito do “poder” do dinheiro. Algumas crianças afirmaram que quem tem dinheiro “tem sim” maior poder, e que o ideal era lutar para ter também. Outras alunas, entretanto, posicionaram-se de forma diferente, disseram que isso não tinha importância.

A partir desse debate de ideias expliquei que tudo o que eles assistem tem o objetivo de transmitir alguma mensagem, assim, refletindo a respeito das mensagens dos desenhos citados, os alunos se colocaram: “o objetivo desses desenhos é fazer com que a gente seja vaidosa, fazer a gente ir para o shopping, mostrar que devemos defender as pessoas mais fracas...” Esclareci que algumas vezes há um interesse por parte da mídia em fazer valer alguns valores como o do consumismo de alguma marca ou de determinado produto e que isso interfere diretamente no modo como nos vestimos, comemos ou até como vemos o mundo. Avaliei neste momento que foi possível relacionar o trabalho realizado nas aulas de Educação Física com o projeto pedagógico da escola que tem por meta a sustentabilidade, ou melhor, dizendo, a redução do consumo em excesso.

Nesta altura do projeto didático, com o objetivo de realizar uma atividade onde os alunos pudessem vivenciar corporalmente as ideias surgidas nas atividades de reflexão, ressignificando os

conhecimentos adquiridos, sugeri uma atividade na qual cada aluno deveria seguir as seguintes orientações para realizar uma apresentação para a sala:

- Criação de um personagem;
- Criação de um nome para o personagem;
- Criação de uma roupa para caracterizar um personagem;
- Criação de um golpe especial;
- Elaboração de uma arma com material reciclável.

A participação foi efetiva. Os alunos mostraram-se muito motivados e criaram, de forma surpreendente, várias sequências de golpes. Observei que utilizavam alguns movimentos de artes marciais estudados em aula e outros retirados dos desenhos animados. A orientação inicial foi para que utilizassem o desenho “Três Espiãs Demais” como inspiração para criação dos movimentos e utilização de acessórios, porém, pude observar que houve utilização de outros desenhos como Pokémon, Digimon e Meninas Super Poderosas.

Após essa sequência, passei a avaliação final de todo o trabalho realizado, utilizei-me novamente do papel pardo exposto aos alunos as ideias anotadas nas primeiras aulas do projeto. Ao questioná-los a respeito dos predicados citados naquele momento, verificamos que alguns poderiam ser modificados, enquanto outros não. Os alunos disseram que naquele momento inicial não sabiam a diferença entre “luta” e “briga” e assim se justificaram.

Para realizar a exposição do produto cultural do projeto em tela, participamos de um evento que a escola organiza todos os anos no mês de novembro e que se chama “Mostra Cultural Colacioppo”. Nesse evento, as produções realizadas pelos alunos durante o

ano letivo são apresentadas aos pais e à comunidade em forma de murais, painéis, apresentações de dança, artes e fotografias.

Contemplando a expectativa de aprendizagem que orienta para que os alunos elaborem registros a partir das vivências, solicitei que elaborassem um relato onde deveriam descrever o que aprenderam com as atividades desenvolvidas no projeto. Organizei as fotos e os relatos e confeccionei um mural expositivo localizado em uma das paredes da escola, que além de ter ficado exposto durante a mostra, permaneceu lá por mais uma semana para apreciação dos alunos.

Verifiquei, ao longo da semana, que o mural chamou a atenção tanto dos alunos envolvidos no projeto, que puderam ver-se e analisar-se, quanto dos outros alunos da escola que questionaram a mim e aos colegas que participaram do projeto, a respeito daquelas atividades com bastante curiosidade. Esse fato levou-me a avaliar que o trabalho foi muito interessante tanto para os alunos envolvidos quanto para os outros alunos da escola, que foram aos poucos entendendo o que foi desenvolvido nas aulas. Os professores das outras áreas também se interessaram e deram-me a oportunidade de explicar o projeto, seus resultados e objetivos em um momento de conversa na sala dos professores.

Enfim, avalio que, ao longo das aulas houve muito comprometimento dos alunos ao realizarem cada atividade, sempre refletindo e participando das rodas de conversa, dos registros, nas vivências das lutas e elaboração dos movimentos e também constato que houve ampliação dos conhecimentos dos alunos a respeito de algumas modalidades de lutas. Os alunos conseguiram identificar algumas delas e trocar informações entre eles. Os momentos ini-

ciais de resistência de alguns alunos em relação à manifestação corporal selecionada para estudo, foram aos poucos substituídos pela euforia, curiosidade, participação e aprendizagem significativa.

Considerações

Como vimos no relato da Professora Natalia, os alunos e alunas participam de diversas práticas corporais em seu cotidiano e possuem conhecimentos sobre as manifestações corporais de diversos segmentos.

O norteador que moveu o trabalho foi as Orientações Curriculares da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, porém os significados sobre as lutas e as relações de gênero foram dados pela professora e pelos alunos no decorrer das atividades.

Percebemos as representações que algumas crianças possuem quando o assunto é luta. A comunidade, a mídia, os discursos significados pelas crianças atravessam os portões escolares e a sociedade. Como a própria educadora menciona: “Todos queriam falar e citar os seus conhecimentos sobre o assunto, filmes do Bruce Lee, desenhos animados, academias e ONGs do bairro.”

É importante comentar que neste emaranhado de símbolos e linguagens, a luta ou as lutas são formas de representação daquilo que é produzido culturalmente. São manifestações culturais que estão localizadas e arraigadas em diversos setores, como em campeonatos, escolas e clubes, tendo a mídia como um dos reguladores culturais daquilo que pode ser assistido e consumido.

As lutas exercem distintos significados. Dependendo de qual luta se fala, pode ser vista como central e quase imprescindível para o mercado televisivo com seus momentos de glória e competição ou como uma doença. Quando o tema é a luta, as crianças, os adolescentes e a comunidade possuem seus significados e suas verdades, porém percebe-se que as práticas neoliberais flertam e seduzem as condutas humanas a partir de questões econômicas.

O desafio da escola contemporânea não está somente em identificar os conhecimentos das crianças, mas ampliar os significados pertencentes aos grupos sociais que praticam certas manifestações.

O movimento não é somente o de ampliar os significados culturais que contemple e satisfaça o indivíduo ou o coletivo somente. Para tanto, basta intensificar as discussões sobre as práticas corporais, exigindo também dificuldades e desprazeres. Propor relações e desvendar as opressões que limitam os indivíduos, questionando as formas de poder e construindo identidades que fortaleça a luta por significados.

A professora propôs espaços aos alunos para que elaborassem regras, vivenciassem as práticas corporais, relacionando algumas questões econômicas e de gênero. Incentivou as crianças a alimentarem um significado quanto às lutas para além do convencional e também extraiu dos alunos conhecimentos mistificados pela sociedade.

Os alunos conheceram e ampliaram conhecimentos a partir de práticas que estavam em segundo plano. Trouxe à escola práticas que em certos lugares são proibidas. Procurou traz-

er a tona dilemas como as causas de homens e mulheres não participarem de algumas práticas em conjunto. Há que se diga, somos compilados por uma gama de significados que estranhamente são escamoteados na cultura escolar.

Porém, como alguns significados vão se tornando verdades para os alunos? As verdades não estão postas como veículos absolutos, é preciso analisar também fatores explícitos das práticas de grupos que foram e são subjugados no ambiente coletivo, pois, corremos riscos em somente expor as feridas e não as tocar.

A Educação Física, como prática cultural, busca reconhecer quais e como são as práticas culturais dos grupos. Como parte integrante do currículo, necessita investigar como as lutas foram e estão sendo veiculadas, quais são as formas que amarram os indivíduos coletivamente nos discursos neoliberais, quais formas de regulação e subjetivação interferem no cotidiano e afetam as identidades. Afinal, disponibilizar à sociedade como são as práticas de grupos excluídos, faz parte de uma política de identidade.

Assim, ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre as lutas, como os sujeitos se apropriam destas manifestações, relacionando os conteúdos, as formas de lutar, os golpes, quem são as pessoas envolvidas e como estas práticas são vistas na mídia são funções da Educação Física em uma perspectiva cultural. Desconstruir um cenário naturalizado também é assunto da Educação Física e sem verdades absolutas construir significados que amparem nossas ações frente às práticas sociais são também formas de inserir e democratizar a cultura.

Referências Bibliográficas:

INACIO, P. Três Espiãs Demais Ensinando um jeito de ser jovem menina. **in. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, 2008.

NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do Ensino Fundamental da área de Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental II - Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.